

Relatoria - Projeto Pensar a Bahia – Rodada de Discussão 01

Data: 05/05/2022

Convidado: Uallace Moreira Lima – Professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor Visitante da Universidade Nacional de Seoul (SNU). Economista pela UFBA, com mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/UNICAMP).

Mediador: Urandi Paiva

Tema: Cadeias Globais de Valor e Inserção da Bahia

Questões Levantadas

Questão 1: Com a pandemia de Covid-19 foi observado uma quebra nas cadeias de suprimentos do mundo. Nesse sentido, é possível em uma economia fechada e com baixo grau de intensidade tecnológica, aproveitar essa janela de oportunidade e se conectar às cadeias globais de valor? Quais os setores econômicos brasileiros que possuem mais vantagens comparativas e competitivas e que podem se conectar as cadeias globais de valor no curto prazo?

Prof. Uallace Moreira: Por muito tempo, desde o início dos anos 90 (final dos anos 80), se defendeu bastante sobre uma certa dificuldade em reconhecer o papel das políticas industriais e de inovações, como mecanismo de uma inserção mais competitiva quanto aquilo que se convencionou em denominar cadeias globais de valor. Com o avanço da década de 90, os indicadores vieram a demonstrar que as cadeias globais foram se consolidando de forma assimétrica. Os países que saíram na frente quanto a inserção nas cadeias globais foram os países asiáticos, um exemplo disso é a expansão da produção dessa região, perante o mundo, no que se refere a indústria automobilística. O continente asiático aproveitou suas características nacionais e não abdicou da nacionalização de suas políticas industriais e de inovação, portanto preservaram sua capacidade nacional. Promoveram uma lógica de parcerias, para viabilizar a inserção internacional mais relevante, por meio do processo de transferência e internacionalização tecnológica (através da apropriabilidade do conhecimento: capacidade local de desenvolvimento do conhecimento).

Quanto ao Brasil, o país não “surfa” na onda de se beneficiar da cadeia global de valor. Nesse sentido, no âmbito nacional, as estruturas produtivas encontram-se deficientes e com baixa diversificação e densidade, ocasionando em estruturas tecnológicas de baixa dinâmica. O comércio internacional foi sempre regional (nunca mundial), sendo assim, o país não otimiza a inserção no que tange ao cenário internacional e isso, principalmente, em decorrência

da falta de políticas industriais e de inovação que sejam capazes de promover um fortalecimento e diversificação/densidade das estruturas produtivas. Um grande desafio para o Brasil é como fazer com que as empresas brasileiras (com exceção do setor do agronegócio) tenham uma inserção internacional mais relevante ou até mesmo que possuam interesse nessa inclusão. Cadeia global de valor sempre foi pautado de forma regional e nunca de forma mundial, um exemplo desse cenário é o fato de que 70% do comércio da Ásia é registrado entre os próprios países asiáticos, em contraponto, no Mercosul o comércio entre países da região é cerca de 20% (Dados da OCDE), demonstrando assim uma fragilidade da cadeia produtiva dos países que compõem tal bloco econômico.

A ascensão da indústria 4.0 ocasiona em várias “janelas” de oportunidade. O Brasil possui alguns potenciais em setores produtivos com capacidade construída que possibilitam o processo de inovação. Nesse sentido, e dado o processo de transformações que ocorrem no mundo, abrem espaço para o Brasil em setores como por exemplo as energias renováveis e o Complexo Industrial da Saúde. Em conclusão, nós temos estruturas produtivas nacionais construídas que podem ser usufruídas como estratégia de promover esse desenvolvimento a nível de cadeia global, o desafio é como estabelecer pontos como o volume de recursos e a política macroeconômica conjugada com a política industrial e de inovação.

Questão 2: A falta de políticas industriais e o histórico de subsídios às indústrias se caracteriza como um entrave para inserção nas cadeias globais de valor?

Prof. Uallace Moreira: Não foi por falta de política industrial. O importante é analisar que tipo de política industrial foi implementada. Governos do PT implantaram algumas políticas industriais e de inovação (PITCE; Plano Brasil Maior; InovaAuto; Lei do Bem – são políticas relativamente recentes). Salienta-se que a política industrial se trata de uma política de estado e não de governo. Nos dias atuais precisamos discutir o papel da inovação no sistema financeiro (“Fintechs”; “Blockchain”) pois isso rebate no setor de serviços. Abdicamos de política industrial desde os anos 80 (3ª revolução industrial – Janela de oportunidades) e focamos em planos de estabilidade econômica. Desse modo os países asiáticos souberam aproveitar essa época da 3ª Revolução Industrial, contudo, toda a América Latina acabou ficando para trás. No momento estamos vivendo mais uma janela de oportunidades e corre-se o risco de não otimizá-la e usá-la a nosso favor, já que temos potenciais para isso. Relatório da OCDE recente indica que o processo da cadeia global de valor tende a se enfraquecer cada vez mais, isso porque a pandemia de covid-19 mostrou que ter cadeias produtivas internas é uma questão fundamental na perspectiva da soberania.

Questão 3: No que se refere a economia baiana e suas respectivas limitações, como a Bahia pode identificar possíveis nichos que possam viabilizar a atração de investimentos em regiões baianas? Quais as instâncias institucionais e suas

características de equipe técnica empresarial serão necessárias a serem estruturadas? A solução seria uma aproximação com a China (diante de sua política externa de investimentos como a “Rota da seda”)?

Prof. Uallace Moreira: Na Bahia nós temos vantagens comparativas e capacidade construída em alguns setores, a grande questão é como fortalecer essas capacidades e mantê-las. Ouvei alguns engenheiros na época de fechamento da Fábrica e eles relataram que a planta da Ford (Em Camaçari) era moderna e capaz de desenvolver processos de inovação como os carros elétricos para atender demanda/setor específico. Se de fato foi real, isso representa capacidade e que não pode ser perdida, o que não pode ocorrer, igualmente, no setor de semicondutores no Brasil (SEITEC). O café no Sul da Bahia é um dos exemplos de potenciais já que existem indícios da possibilidade de se operar no setor de café processado e agregar mais valor, fortalecendo assim toda a cadeia produtiva de forma articulada.

A China se transforma em um parceiro estratégico tanto na perspectiva tecnológica quanto na ótica do mercado. O ponto é que nós não podemos achar que os chineses vão proporcionar uma transferência de conhecimento e tecnologia e cooperar para o nosso “Catching up” de forma gratuita. O processo de reprimarização da pauta exportadora brasileira tem como um de seus principais pilares a China. A China com o Investimento Estrangeiro Direto no Brasil não tem contribuído muito para transferência de tecnologia. No cenário Geopolítico ninguém transfere tecnologia de forma gratuita/espontânea. Nesse sentido é preciso pensar em desenvolvimento de forma conjunta na nossa região, desse modo não podemos pensar em políticas industriais e de inovação de forma deslocada das nossas realidades (Um exemplo de possível integração é o Consórcio Nordeste). Portanto é necessário planejar qual impacto no mercado interno, como por exemplo o efeito de uma determinada política na geração de emprego e renda na região. A China pode ser um parceiro extremamente estratégico nessa ótica, entretanto temos que ter poder de negociação e uma articulação consolidada, a falta desses fatores podem se tornar um problema. Quando a China impor regras de transferência tecnológica, qual empresa vai querer abdicar no que se refere ao mercado interno? É importante estabelecer critérios muito claros sobre as possibilidades de investimento no nosso país.

Questão 04: Ainda na perspectiva da Bahia a saída para o desenvolvimento seria se conectar para as cadeias regionais/nacionais de valor?

Prof. Uallace Moreira: Acredito que sim! Um dos primeiros passos é identificar os setores (sistema setorial) que já possuem capacidade construída, ou seja, que podem ser usados como elementos de desenvolvimento, pois tais segmentos devem ter mais habilidade/dinâmica de absorver o necessário para o desenvolvimento. Pensar como esses setores, que nós já temos capacidades construídas, possam ser realocados para novos segmentos, em que precisamos planejar a possibilidade de desenvolvê-los. É necessário uma

conexão mais nacional/regional para uma posterior inserção internacional na perspectiva da cadeia global. Entender as políticas empregadas em outros países e em setores é de fundamental importância para promover tal interação.

Perguntas adicionais do Público:

Edgar porto: Seria uma oportunidade buscar compreender a lógica/estratégia de investimentos da China pensando na ótica dos países Sul-Americanos? Isso dentro de uma perspectiva da possibilidade de os chineses criarem aqui plataformas mundiais que possam servir para produção/investimentos em tecnologias para alguns setores com o olhar do mercado interno e também da exportação.

Prof. Uallace Moreira: Ponto importante: desde o governo Trump , os EUA estão impondo sanções, o setor mais claro nessa disputa contra a China está no segmento de semicondutores. Os estados Unidos conseguem impor essas restrições contra esse país asiático pois eles dominam a cadeia superior desse setor (design/P&D). Portanto, ninguém no mundo produz/vende na cadeia de semicondutores sem autorização dos estadunidenses. A China busca sua defesa quanto as sanções nesse mercado através da geração de estoques. Um setor com grande potencial de parceria do Brasil/Bahia com a China é a questão das energias renováveis. A china tem muito interesse em desenvolvimento do segmento da energia solar, assim como, em desenvolver o setor de infraestrutura (Exemplo : Ponte Salvador – Itaparica). Problema para Bahia/Brasil: fragilidade do sistema de inovação. Existe uma perspectiva equivocada nas Universidades, principalmente nas públicas, quanto às parcerias com o setor privado (pensa-se, na maioria dos casos, que tais parcerias irão se tornar em privatizações). Outro equívoco: expansão desordenada do ensino superior (focado mais em cursos de direito, medicina e administração), desse modo, essa expansão, não foi alocada em setores estratégicos como os cursos de engenharia e tecnologia. Pensar em possibilidades para o desenvolvimento de forças produtivas é ter um sistema de inovação capaz de absorver conhecimento. Dessa forma a China pode contribuir positivamente nesse sentido. A grande questão é identificar os setores de interesse de investimento do país asiático.

Comentário de Antonio Alberto Valença: A Bahia se apresenta com grandes deficiências estruturais, as quais eu poderia resumi-las em apenas dois tópicos: Infraestrutura e Educação (Formação profissional). Potenciais setores que podem ganhar com verticalização e crescimento : turismo/ agronegócio/ energia renovável/ mineração/ comércio e atacado, ou seja, tudo isso depende de ação de estado e não de governos, dependemos disso para ter produtividade, sem produtividade a economia não irá crescer!

Prof. Uallace Moreira: A Deficiência que nós temos na Bahia ela é muito mais grave na comparação com outros estados do país. Problemática que se agrava: Ford fechou. Desmonte da Petrobrás no estado. Falta de parcerias

estratégicas entre empresas com o parque industrial de Camaçari. Falta de elo do setor universitário com as empresas no estado. Baixo nível de qualidade e o direcionamento de nosso capital humano. Importante estar atento as demandas das estruturas produtivas em potencial.

Luiz Mário: Dois eventos atuais: pandemia e a guerra entre a Ucrânia e a Rússia, que acirra os debates ideológicos voltando a uma possível nova guerra fria. Ao mesmo tempo, entramos em perspectivas de que as cadeias globais de valor voltam mais ao aspecto regional. Aspecto financeiro: é possível o surgimento de um novo sistema financeiro, haja vista a questão de alguns bloqueios/sanções impostas contra Rússia e até mesmo China? Quais as perspectivas dos próximos anos e a questão do acirramento ideológico (Blocos bem definidos)?

Prof. Uallace Moreira: Fragmentação/fragilidade das cadeias produtivas - muitos estudos apontam: a tendência é ir diminuindo o processo de fragmentação já que, desse modo, as próprias tecnologias vão permitir o processo de internacionalização. Perspectivas positivas para energia solar/blockchain (financeiro)/ Internet das coisas/Big Data (IA) /Robótica – setores mais promissores para o crescimento. Para além da questão geopolítica, também há uma transformação estrutural na dinâmica produtiva que vai impactar na lógica de fragmentação produtiva (característica da Indústria 4.0 – que não está para acontecer, e, sim, já está acontecendo).

Romeu Temporal: Um novo governo pode reconectar o Brasil com os Brics intensamente. Quais as possibilidades e os limites desta articulação?

Prof. Uallace Moreira: No BRICS, a China é preponderante. Pouco provável a articulação e relação dos países. Talvez com arrefecimento dos conflitos e novo presidente pode reacender alguma relação. Para o Brasil, a Ásia tem o potencial para ser o melhor parceiro comercial, melhor que os EUA e o continente Europeu. Isso porque a Ásia é o continente mais dinâmico da economia mundial com perspectiva de crescimento mais elevado

Urandi Paiva: Agradecimentos e Encerramento

Reunião encerrada às 10:50